

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRÉ-HISTÓRIA DO NORDESTE BRASILEIRO NOS TEMPOS FINAIS DO PLEISTOCENO E INÍCIO DO HOLOCENO

ARMAND FRANÇOIS GASTON LAROCHE
ADJELMA SOARES SILVA LAROCHE
Museu Câmara Cascudo – Setor de Arqueologia – UFRN

Vinte e cinco anos de pesquisas, e os resultados obtidos não são ainda suficientemente claros, para que se possa estabelecer solidamente com os dados culturais resgatados, um conhecimento perfeito da vivência humana no Nordeste do Brasil em tempos pleistocênicos finais. Entretanto, os documentos arqueológicos conseguidos já se apresentam como sendo balizas culturais na definição de épocas e que favorece a compreensão das sucessivas evidências que surgem da nebulosidade do passado.

Os autores não estão de acordo no que se relaciona ao evento do período holocênico. Certamente, a passagem do período pleistocênico para holocênico não ocorreu na mesma época em todas as regiões americanas, e é notório que essas transições foram dependentes dos fenômenos climáticos e geológicos próprios às situações geográficas de cada território. Vamos aqui nos referir às evidências arqueológicas resgatadas no Nordeste, principalmente nos Estados de Pernambuco e Rio Grande do Norte, que foram por numerosas datações radiométricas colocadas num espaço de tempo compreendido entre 6 a 11 mil anos A.P. Em nossa ótica, trata-se de uma época cultural bastante estável e que pode corresponder a um paleolítico superior nordestino.

Existem muitas divergências sobre as condições climáticas e a bioma do Nordeste para a época em referência. Nossas pesquisas pedológicas apoiadas também sobre estudos de geólogos, tal como Dr. Bigarella e outros, nos oferecem a visão de um clima frio oscilante entre baixas e elevações de temperatura: clima frio e às vezes seco, influenciado pelas correntes marítimas frias do litoral e pelos fortíssimos ventos Leste e Sul. A vegetação subarbustiva, cerrados, palmeiras e no Rio Grande do Norte, principalmente, imensas savanas onde as herbáceas proporcionavam alimentos aos animais da megafauna. A plataforma marítima emersa foi provavelmente trilhada pelo homem pré-histórico daquela época (encontro de artefatos líticos sob o mar à distância do litoral), e pode ter sido também uma rota migratória. É este o aspecto do ambiente, nesta época, de acordo com os resultados interpretativos de nossos trabalhos baseados em vários estudos interdisciplinares.

As evidências arqueológicas oriundas dessas épocas e que nos chegaram às mãos por pesquisas e resgates são as que seguem. Vamos depois, tratá-las de per si.

- 1 – O “habitat”: (cavernas, abrigos sob rochas, etc);
- 2 – O material lítico: (o microlitismo, o antropomorfismo de certas peças líticas, ocorrência de ocre em quantidade e raras espécimes de indústria óssea);
- 3 – Incinerações de cadáveres;
- 4 – Associação de fósseis da megafauna com material lítico nos tanques;
- 5 – Objetos de enfeites: (contas de colares, pigmentos, etc);
- 6 – Inscrições rupestres.

Descrição das Evidências Acima Enumeradas:

O habitat: A localização dos sítios onde habitavam os Grupos Humanos da Tradição Itaparica, são em lugares que se situam geralmente em altitudes acima de 350 metros, em cavernas de granitos, (ambiente cristalino). Nunca encontramos vestígios desse grupo em cavernas calcáreas. O ambiente é sempre muito ventilado de clima ameno e na proximidade de um curso d'água. Tais cavernas dão sempre a idéia de ter sido acondicionadas para uma defesa estratégica, provavelmente contra a investida de animais da megafauna. Diante das entradas existem blocos rochosos provavelmente com serventias de proteção e defesa do local, constata-se atrás desses blocos vestígios de fogueiras permanentes. Assinalamos um caso de moradia numa altitude de 130 metros numa caverna situada quase dentro do leito de um rio. Nota-se no interior, blocos de pedras que podem ter sido utilizados como mesas e bancadas de trabalhos para lascamento, assim como assentos ou dormitórios. Essas rochas apresentam uma espécie de polimento na superfície produzido pelo contato constante dos corpos humanos.

Oficinas líticas foram encontradas perto de fontes de matéria-prima a céu aberto, mas também em cavernas.

Os refúgios arqueológicos coletados em cavernas são encontrados de um a três metros de profundidade.

Na Chã do Caboclo, foi descoberto vestígios de uma habitação circular com cerca de 20 metros de diâmetro cavada no solo até 1,50 metros de profundidade com sinais de um grande mastro colocado no centro, não havia restos de possível cobertura. Uma entrada em declive permitia o acesso ao interior. A datação obtida para essas evidências estava em torno de 8.000 anos A.P. Coexistiam com as evidências peças foliáceas.

Perto de tanques, em savanas de pouco relevo, ocorrem registros de acampamentos temporários com presença de fogueira, material lítico e às vezes ossos fossilizados.

Os Artefatos Líticos

Os artefatos líticos coletados nas pesquisas realizadas por nós na Região nordestina e que se relacionam com as épocas compreendidas entre o 6º e o 12º milênios, são todos fabricados em pedra lascada. Esses artefatos perfazem a maior contribuição cultural nos estudos da pré-história do Nordeste, atingindo vários milhares e nem todos foram analisados.

Vale ressaltar que a divulgação deste material arqueológico feito em várias publicações, foi recebida com muita desconfiança e ceticismo. Isto se deve ao fato das coleções apresentarem numerosos tipos de pontas de projéteis, sendo que alguns com uma exata semelhança de tipos americanos, sobejamente conhecidos. Por outro lado, os artefatos acompanhantes são, por sua vez, parecidos com aqueles que pertencem às várias fases do paleolítico universal. Nas coleções distinguem-se microlitos e buris, cujas existências no Brasil eram objetos de contestação acirrada.

As pontas de projéteis apresentam 15 tipos diferentes. Alguns exemplares se equivalem pela morfologia e técnica de fabricação às pontas: Sândia, Clóvis, Eden, Lucy e outras. As dimensões são idênticas às pontas americanas. Existem também tipos inéditos, tais como as de gumes arqueados. Há pontas com três modelos de caneluras, que são:

- a) Uma canelura no centro da base inferior;
- b) Duas caneluras, uma em cada face da base;
- c) Uma canelura lateral.

Os microlitos aparecem no 11º milênio, sob forma de lascas que podem ser consideradas como resíduos de trabalhos e lasqueamentos, os retoques são poucos, mas os gumes examinados na lente binocular comprovam a utilização pelos desgastes apresentados (Método Seminov). Seguidamente, surgem núcleos debitados e os retoques se tornam mais numerosos.

Os buris são contemporâneos dos microlitos, havendo alguns que apresentam várias lâminas.

Haveria muito de se falar sobre os demais artefatos que podem ser encontrados nos modelos das tabelas publicadas pelos autores europeus (François Bordes e Lero-Gourhan). Há núcleos em formatos de tartaruga, outros quadrangulares com plataformas já preparadas. Estão presentes todas as técnicas de debitagens, inclusive a periférica e por lasqueamento oposto. Anotamos a prática de procedimentos térmicos. A técnica bipolar aparece nos tempos mais recentes sendo sobretudo aplicada para confecção de peças pequenas.

A percussão é direta ou por intermédio de um punção, e raramente por espatifamento. Os retoques, em geral pressão, obedecem ao sistema de escamação decrescente. Os maiores na face principal para diminuir as espessuras das peças. Os retoques dos gumes são serrilhados, porém existe também a retirada de uma grande lasca paralela ao gume, o que os autores franceses chamam (retouche d'abattage).

Em geral, essas indústrias são laminares, unifaciais, planoconvexas na época mais antiga e, subsequentemente, bifaciais.

O percentual de pontas de projéteis chega a atingir 70% nas coleções, o que indica uma economia de grupos humanos predadores de animais da megafauna. Este equipamento lítico foi enquadrado por nós em duas grandes tradições: a Tradição Itaparica e a Tradição Potiguar.

Existe ainda uma outra fase cultural ainda não bem estudada que consta de um grupo de coletores e pequenos caçadores, datada em 7.000 mil anos A.P., com uma tecnologia de lascas bipolares de pequenos tamanhos e cujos sítios se situam em locais de altitudes elevadas.

Freqüentemente o material lítico é acompanhando de blocos de ocre cuja coloração atinge a superfície dos artefatos cobrindo as pálinas.

Antropomorfismo

São pequenas peças geralmente microlíticas cujo contorno apresenta figurações humanas. Pode-se ver nessas peças a cabeça humana recoberta por peles de animais. A linha facial é prognata. O

assunto já foi ventilado em outras divulgações. Os autores assinalaram o procedimento como oriundo do Sul Asiático.

Indústria Óssea

Com referência à indústria de artefatos confeccionados sobre ossos de animais da megafauna, apenas conseguimos coletar três exemplares que foram lascarados quando o osso era ainda verde. Esse material provém do sítio arqueológico de "Lagoa da Casa", PE.

Incineração de Cadáveres

Foram constatados procedimentos de incinerações de cadáveres em grupos. Não sabemos se trata-se de um ritual religioso ou de uma prática funerária, os locais onde se realizavam esses procedimentos se situam perto de um rio junto de uma cachoeira.

Associação de Fósseis da Megafauna com Material Lítico

A associação da megafauna como material lítico perfaz uma coexistência que foi verificada em vários tanques do Rio Grande do Norte e em uma lagoa pleistocênica em Pernambuco. Tal evidência foi constatada pelo Dr. José Nunes Cabral de Carvalho em 1958. (Publicado nos Anais do Museu Nacional em 1960 e republicada na Coleção Mossoroense Série B nº 333 - 1983, com o título de: Relatório Preliminar das Investigações Geopaleontológicas na Área Fossilífera Pleistocênica da Fazenda Lagoa Formosa, Município de São Rafael).

Objetos de Enfeites

Constam geralmente de contas em amazonita, quartzo, opala e esteatite. As perfurações são bicônicas. Tem peças com formatos de machadinhas e canoas. Existem plaquetas retangulares e de escudos com furos para suspensão.

Inscrições Rupestres

Foram assinaladas em blocos rochosos esparsos, como também, em fachadas e interiores de cavernas. Entre as cores usadas, geralmente, predomina o ocre. Existem inscrições gravadas nas rochas, que parecem ser mais antigas. Registramos alguns casos de material lítico pintado com a mesma tinta usada nessas inscrições rupestres. Não conseguimos datar essas pictografias.

Comentário

As evidências e os equipamentos pré-históricos que acabamos de descrever são bastante caracterizados e suficientemente claros para demonstrar a existência em nosso passado de dois grupos de caçadores da megafauna, isto é, a Tradição Potiguar e a Tradição Itaparica, e esta última descoberta se deve ao Dr. Calderón em 1968 na Gruta do Padre em Itaparica, à margem do Rio São Francisco. Esse Grupo foi por nós transformado em Tradição com o assinalamento da sua presença em vários sítios de Bom Jardim - PE e do Rio Grande do Norte. Essa cultura forneceu 17 datações radiométricas, e ela se estende ainda embora com o equipamento reduzido até o 5º milênio. Os artefatos encontrados são numerosos alcançando muitos milhares de seções, embora os sítios de ocupações são poucos. Diante dessas ocorrências, queremos acreditar que os Grupos eram compostos de muitos indivíduos, e que eles eram realmente dedicados à caça de grandes animais, sendo caçadores nômades sempre em movimento ou em curso. Os sítios demonstram várias desocupações e reocupações.

As correlações feitas com os refugos encontrados na América do Norte, na América Central e nos países vizinhos sul-americanos, demonstram as suas atividades migratórias e sua expansão no novo mundo.

Os restos alimentícios encontrados nas cavernas demonstram que a sua alimentação era reforçada por frutos, raízes e sementes comestíveis, como também pela predação de animais mais pequenos.

Para a Tradição Potiguar, que foi assinalada pelo autor e sua equipe em 1982, no Rio Grande do Norte e onde também foi objeto de estudo pela professora Gabriela Martin, só temos uma datação e muito insegura, 9.000 mil anos A.P. O material lítico acompanhante não é bem conhecido. É uma cultura que se acha ainda em estudo, dela nos chegaram às mãos numerosas pontas de projéteis.

Um outro Grupo de caçadores de pequenos animais e sobretudo coletores, não é ainda suficientemente conhecido para que se possa falar dele, foi encontrado somente num único sítio.

Possivelmente ocorrerá no futuro o registro de outras vivências pré-históricas no Nordeste do Brasil. Acabamos apenas de expor e relatar as evidências que, através de nossas pesquisas, chegaram aos nossos conhecimentos. É muito provável que com o desenvolvimento da pesquisa teremos de rever e modificar talvez nossas interpretações, pois em arqueologia as reconstituições são sempre moveáveis, acompanhando o progresso dos métodos e meios de investigações que a ciência descobre continuamente.

Sentimos neste relato a falta de referências à Professora Níede Guidon sobre seus trabalhos no Piauí, já que temos conhecimento do material lítico encontrado e referente às épocas supracitadas.

BIBLIOGRAFIA

- BARRAL, L. et SIMONE, S. Classification automatique des industries pré-historiques. Les Bifaces. In: *Bulletin du Musée d'Anthropologie Préhistorique de Monaco*, nº 17, 5-34, 1971.
- BELTRÃO, Maria da Conceição de Melo Coutinho. *Datações arqueológicas mais antigas do Brasil*. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, s/d.
- BIGGARELLA, J. J. O sambaqui da Ilha dos ratos. *Anhembi*, São Paulo, 1959.
- Subsídios para o estudo das variações de nível oceânico no quaternário brasileiro. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, Rio de Janeiro, Setembro, 1965.
- Variações climáticas no quaternário superior no Brasil e sua datação radiométrica pelo método do Carbono 14. São Paulo, *Instituto de Geografia, USP. (Paleoclimas 1)*.
- BOSCH, Ademar et al. Dispersion de las puntas de proyectil líticas psiciformes en el Uruguay. *Congreso Nacional de Arqueología*. Montevideo.
- BULLEN, Rippley P. *A guide to the identification of projectile points*. Florida State Museum, University of Florida, 1968.
- CALDERON, Valentin. *O sambaqui da Pedra Oca. Relatório de uma pesquisa*. Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1964.
- Nota prévia sobre a arqueologia da região central e sudoeste do Estado da Bahia. *Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica. Museu Paraense Emílio Goeldi, Avulsos 10*, 1969.
- CARVALHO, José Nunes Cabral de et al. Relatório preliminar de investigações geopaleontológicas na área fossilífera pleistocênica da Fazenda Lagoa Formosa (São Rafael). Relatório apresentado ao Presidente do CNPq, s/d. in: *Anais do Museu Nacional*: 371-380, 1960.
- COUTO, Carlos de Paula. *Paleontologia Brasileira: Mamíferos*. Instituto Nacional do Livro, Biblioteca Científica Brasileira, Série A.
- FAIRBRIDGE, Rhodes W. The changing level of the sea. *Scientific American, New York*, 202 (5): 70-79, May 1960.
- FIGNER, Louis. *O homem primitivo*. Empresa Literária Luso-Brasileira, Editora Lisboa, 1883.
- GARCIA, Caio del Rio. Nova datação do sambaqui Maratua e Considerações sobre as flutuações eustáticas propostas por Fairbridge. *Revista de Pré-História USP, Instituto de Pré-História, volume 1, nº 1*.
- GRUTH, Ruth and BRYAN, Alan Lyle. Los Tapias. Apaleo Indian campsite in the Guatemalan Highlands. *American Philosophical Society of Philadelphia, P.A.* 19610, 1977.
- HURT, Wesley R. Recent radiocarbon dates for central and southern Brazil. *American Antiquity*, Salt Lake City, 1964.
- KRICHEBERG, Walter. *Etnologia da América*. Fundo de Economia, México, 1949.
- LAMING-EMPERAIRE, Annette. *Guia para estudos das indústrias líticas da América do Sul*. Anais de Arqueologia nº 2, Centro de Pesquisa Arqueológica, Curitiba, 1967.
- LAROCHE, A. F. G. Nota prévia sobre um abrigo funerário no Nordeste brasileiro. In: *Universitas, Revista Cultural*, Universidade Federal da Bahia, Salvador, (4): 73-85, 1969.
- O sítio arqueológico da Pedra do Caboclo. Relato de uma pesquisa na zona do Agreste de Pernambuco*. Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Educação e Cultura, 1970.
- Uma pesquisa de salvamento arqueológico na caverna funerária de Angico-PE. In: *Universitas, Revista Cultural*, Universidade Federal da Bahia, Salvador, (14): 99-120, 1973.
- Contribuições para a Pré-história pernambucana*. Secretaria de Educação e Cultura, Gynasio Pernambucano no Ano do Sesquicentenário, Recife.

Les industries à pointes de jet de Bom Jardim. Comunicação inédita ao IX Congrès des Sciences Protohistoriques, Université de Nice, 13 a 18 setembro 1976, França.

Contribuições para a arqueologia pernambucana (os sítios arqueológicos do Monte de Angico - PE). Secretaria de Educação e Cultura, 1977.

& RAPPAIRE, Jean Louis. **Arqueologia pernambucana**. C 14. Secretaria de Educação e Cultura, Recife, 1977.

Paleoambientes e ecossistemas da Pré-História nordestina. In: **Suplemento, Universidade Federal do Rio Grande do Norte** (1) 1980.

Algumas informações sobre as pesquisas arqueológicas no Nordeste do Brasil. In: **Suplemento, Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, (2) 1980.

As pesquisas de salvamento arqueológico, realizadas no Município de Jucurutu e São Rafael (RN) até janeiro de 1980. In: **Suplemento, Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, (3) 1980.

Algumas contribuições para o estudo do povoamento do Nordeste do Brasil a partir de 11.000 anos B.P.: Histórico da tradição Itaparica, etc. In: **Suplemento, Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, (4) 1980.

Contribuições por datações C 14 às pesquisas arqueológicas do Nordeste (Pernambuco e Rio Grande do Norte). In: **Suplemento, Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, (5) 1980.

Alguns Comentários sobre a arqueologia do Baixo-Açu. In: **Suplemento, Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, (6) 1980.

Arqueologia do Baixo-Açu e Notícias sobre culturas líticas do Rio Grande do Norte. In: **Suplemento, Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, (7) 1981.

Comentários sobre grupos caçadores nômades do Nordeste do Brasil e algumas regiões americanas. In: **Suplemento, Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, (8) 1981.

Sugestões para uma classificação morfológica das pontas foleáceas e lesmas. In: **Suplemento, Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, (9) 1981.

& LAROCHE, Adjelma Soares e Silva. **Um sítio epipaleolítico microlítico do Nordeste brasileiro**. Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 1982.

& LAROCHE, Adjelma Soares e Silva. **Os sítios arqueológicos de Mangueiros**. Recife. Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 1982.

Sítio arqueológico de Bonito - Jucurutu (RN). In: **Suplemento, Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, (10) 1982.

Sítio arqueológico de São Lourenço - Jucurutu (RN). In: **Suplemento, Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, (11) 1982.

Breves anotações para o curso de Cerâmica. In: **Suplemento, Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, (12) 1982.

Sugestões para um modelo de primeira abordagem a uma análise interpretativa de uma coleção e artefatos líticos. In: **Suplemento, Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, (13) 1983.

Sugestões para uma classificação morfológica das pontas foleáceas e lesmas. (Edição revista e ampliada). In: **Suplemento, Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, (14) 1983.

Ensaio de classificação tipológica sobre as pontas de arremessos e outros objetos líticos da tradição Potiguar. In: **Suplemento, Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, (15) 1983.

Ensaio morfológico sobre tecnologias líticas nordestinas desde 11.000 anos A.P. Mossoró. Fundação Guimarães Duque. **Coleção Mossoroense, Série B, nº 422**, 1984.

LEROI-GO URHAN, André et al. **La Préhistoire**. Paris, Presses Universitaires de France, 1968.

LOMBARD, Josué Camargo. **Géologie Sédimentaire**. Paris, Masson, 1936 (Les série marines).

MEDEIROS, Tarcísio. **Proto História do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro, Ed. Presença/Natal, Fundação José Augusto, 1985.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Índios do Açu e Seridó**. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1986.

MENDES, Josué Camargo. **Paleontologia Geral**. Livros Técnicos e Científicos, USP, 1977.

MILLER, Tom Oliver. Tecnologia Lítica: arqueologia experimental no Brasil. In: **Anais do Museu Antropológico da UFSC**, 1975.

NASSER, Nassáro A. de Souza. Considerações preliminares sobre a arqueologia da bacia do rio Curimataú. **Arquivos do Instituto de Antropologia Câmara Cascudo**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Imprensa Universitária, 1970.

Nova contribuição à arqueologia do RN. In: **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados Preliminares do 5º ano 1969-1970**. Publicação avulsa do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, (26): 155-164.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Projeto Parnaíba. Relatório Prévio. In: **Anuário de Divulgação Científica da Universidade de Goiás**. 1975.

SEMENTOV, S. A. **Prehistoric Technology**. 4ª edição, Londres, 1976.

SILVA, Antonio Campos. Levantamento do material pré-histórico do Oeste potiguar. Mossoró, **Coleção Mossoroense, Série B, nº 329**, 1982.

SOARES, Luci de Lourdes. Notas a lápis sobre a arqueologia noroio-grandense. Fundação Guimarães Duque, **Coleção Mossoroense, série B, nº 381**, 1982.

SOUTO MAIOR, Gabriela Martin. Casa santa: um abrigo com pinturas rupestres do estilo Seridó, no RN. In: **Clio, Revista do Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco, Vol. 5: 33-78**, 1982.

A coleção arqueológica do Museu de Mossoró (RN). In: **Clio, Revista do Curso de Mestrado em História da Universidade de Pernambuco, Vol. 3: 73-87**, 1980.

TASSONE, Vicente Giaconti. **Projeto de salvamento arqueológico Baixo-Açu**. Museu Câmara Cascudo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1980.

WENDT, Werbert. **A produção de Adão**. São Paulo, Melhoramentos, 1965.